

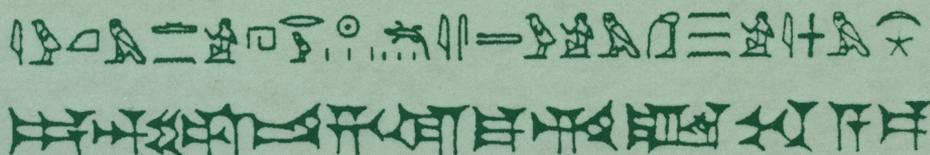
CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

10

Actas do Colóquio Internacional

SOCIEDADE, RELIGIÃO E LITERATURA
NO PRÓXIMO ORIENTE ANTIGO



NEIT NA IDEOLOGIA RÉGIA DO EGIPTO. A EVOLUÇÃO CULTUAL E O PROCESSO DE LEGITIMAÇÃO DO PODER REAL NO PERÍODO ENTRE O III E O II MILÉNIO A. C.

Por MARIA JOÃO MACHADO

Assistente da Universidade Autónoma, Lisboa

Neit é sem dúvida uma das divindades egípcias mais antigas. Divindade oficial do Baixo Egipto, a cidade de Sais era considerada como a sua casa, sendo obviamente o centro do seu culto. Por estas razões ostentava frequentemente a coroa vermelha do Norte, sendo o seu santuário de Mênfis conhecido pelo nome de «O Muro do Norte»⁽¹⁾. O seu epíteto de *Tehenut*, «A Líbia», sugere que era provavelmente originária do Oeste, o que coincide com a zona do Delta onde o seu culto se fixou. O facto de haver na Líbia uma deusa com atributos guerreiros contribui para sustentar a hipótese da sua origem estrangeira⁽²⁾.

Representada geralmente como uma jovem de elegante figura (fig. 1) nas mãos segura um ceptro *uase* e ainda um escudo decorado com setas cruzadas, em referência ao seu carácter guerreiro e de caçadora. Tem na cabeça o ideograma do seu nome, que pode ser substituído por uma espécie de cornamenta, mas é o seu escudo e os dois arcos cruzados que são visíveis mesmo antes da unificação do Egipto. Esta representação vai-se estilizando, ficando reduzida a três simples traços, tal como surge depois em muitas esteias reais da I e II dinastias. Avaliando a frequência com que estes símbolos surgem, podemos considerar Neit uma das divindades mais importantes

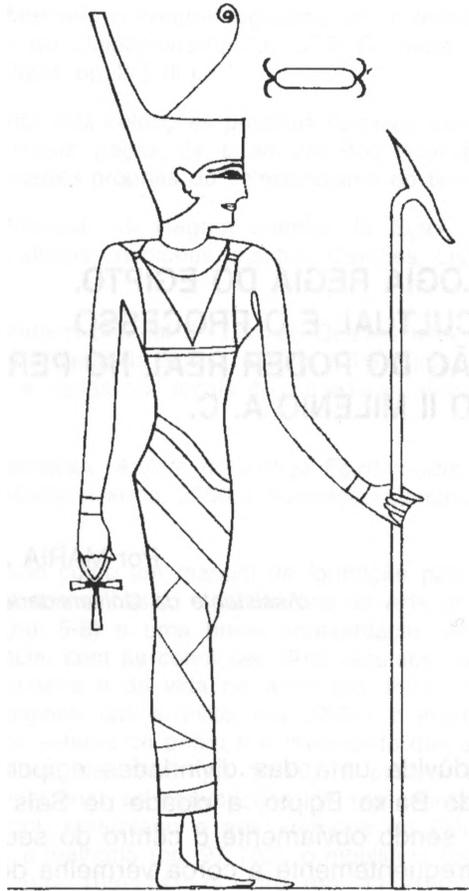


Fig. 1 – A deusa Neit de Sais

dos primeiros tempos. Contudo, a sua importância parece desvanecer-se à medida que a época histórica avança, não só na simbologia presente na tumulária dos primeiros reis, como na própria ideologia régia, assumindo posições secundárias ou de mero suporte, acabando quase por desaparecer logo após o Primeiro Período Intermediário. Depois de um longo interregno, o culto de Neit vai ressurgir em grande força no período saíta, quando Psamético I fundou a XXVI dinastia, elevando o seu culto a dimensões de Estado e tornando a cidade de Sais como a capital do Egito. Assiste-se então à incorporação de outros mitos; juntou-se a Khnum na cidade de Esna, tornou-se a Vaca Celestial que deu origem ao céu, e chegou mesmo a ser incorporada no mito osiriano, associada a Ísis. Neit era também considerada mãe

de todos os deuses, e de Ré em particular, sendo venerada como protectora do casamento e das tarefas domésticas. Na Antiguidade Clássica, os Gregos comparavam-na às qualidades guerreiras e de caçadora de Atena, enquanto Plutarco relembra os seus muitos predicados no epitáfio no seu templo majestoso de Sais: «Eu sou tudo aquilo que foi, que existe e que será. Nenhum mortal conseguiu ainda retirar o véu que me cobre».

Evolução cultural

Os registos mais antigos de Neit surgem em vasos de 3500 a. C.⁽³⁾, onde o estandarte da deusa é levado em procissão, em barcos com grandes mulheres (fig. 2). A importância de Neit prolonga-se para o Império Antigo, mas vai gradualmente enfraquecendo, tornando-se as suas representações cada vez menos frequentes.



Fig. 2 - Decoração de um vaso pré-dinástico encontrado por Flinders Petrie

As rainhas das primeiras dinastias demonstram, em especial, uma estranha ligação com a deusa, patente na própria onomástica e nos *serekh*^w. Estas soberanas parecem ter desempenhado um importante papel, visto que as suas casas do Além são bem maiores que a dos seus maridos e filhos. Neit-hotep, mulher do Hónus Aha, (fig. 3) tem uma tumba magnífica, com dimensões de 53,4 metros por 26,7 metros, estrutura pioneira a norte no emprego do alto relevo. Muito embora tenham sido descobertos objectos com o nome de Narmer inscrito, o nome do seu filho Aha é ainda mais frequente, sendo possível que tenha sido este último quem mandou erigir o complexo. Meritneit, a consorte do rei Udimu (fig. 4) tem duas tumbas, uma em Sakara e outra em Abidos. A primeira é muito maior em

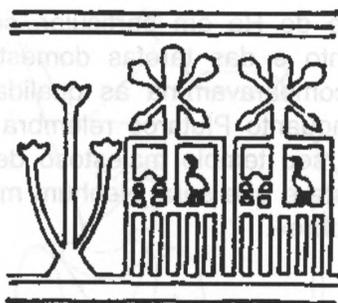


Fig. 3 - *Inscrição com o nome da rainha Neit-hotep*

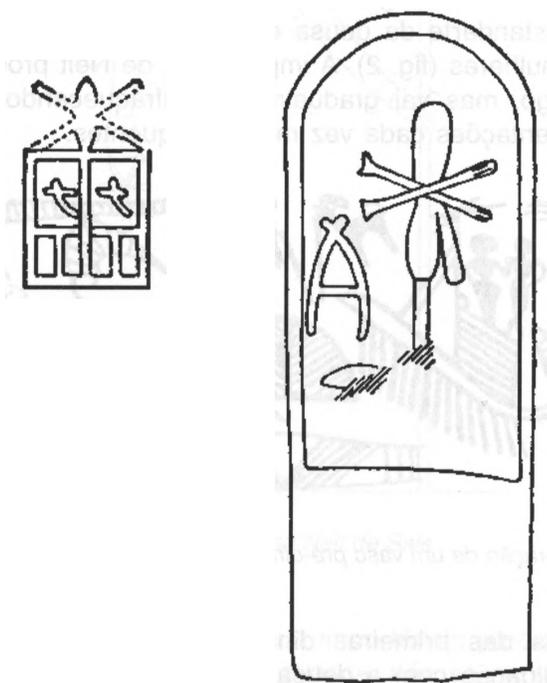


Fig. 4 - *Nome e estela da rainha Meritneit*

termos de arquitectura e de riqueza de espolio, e pode ser datada da primeira parte do reinado de Djer, seu pai. Em Abidos, para além da tumba, encontrou-se um grupo de 77 sepulturas, de serviçais da rainha, ordenadas em forma de rectângulo. Estruturas semelhantes, dos reis Djer e Uadjit, encontram-se por perto. Esta rainha é a única a possuir duplas estruturas funerárias, adjacentes e de iguais proporções às do rei, sugerindo que ela foi muito mais que uma simples

consorte. Do seu nome, Meritneit, fica a possibilidade de, tal como Nitokris, ter desempenhado um importante papel no equilíbrio político, que foi, durante largos anos, muito precário. De qualquer modo, fica em aberto o modo como conseguiu o seu estatuto, se por alianças, ou se por matrimónio, ou pela coincidência dos dois.

Herneit, a consorte de Djer, tem também uma sepultura de dimensões apreciáveis em Sakara. Com uma forma rectangular, apresenta uma estrutura muitíssimo bem trabalhada, muito idêntica, aliás, à que Ezenib, sucessor de Udimu, irá construir dois reinados mais tarde.

Finalmente, Nitokris, outra rainha cuja onomástica a associa com Neit, destacou-se no final da VI dinastia. Envolta ainda em polémica, Nitokris, que poderá ter sido uma das últimas governantes do Império Antigo, era filha de Pepi I, e irmã de Pepi II, colocando-se a hipótese de ter governado o Egipto na menoridade deste irmão, durante doze anos. O seu nome só aparece no *Papiro Real de Turim*, mas a sua lenda perdurou até aos Gregos, que lhe lembravam a sua beleza, dizendo ter sido ela a autora da terceira das pirâmides de Guiza.

O facto de estas rainhas apresentarem sepulturas de grandes dimensões, superiores inclusive às de alguns reis, faz, no mínimo, questionar a razão desta importância. A estreita ligação que demonstravam com a deusa Neit poderá ser um motivo do seu aparente poder. Corroborando esta hipótese, verifica-se que as sacerdotisas de Neit se faziam sepultar em sumptuosos túmulos, destacando-se dos demais. Aliás, este título, frequente no Império Antigo, sobretudo na VI dinastia, quase desaparece no Império Médio, acompanhando a tendência para um decréscimo cultual da deusa.

As associações com o rei são muito menos frequentes e menos ostensivas, embora um dos títulos reais, «Aquele que pertence à abelha», esteja relacionado com o nome pelo qual o seu templo era conhecido (*nsw-bit*), «A casa da Abelha». Além deste facto, os elementos de conexão entre a monarquia e a deusa Neit diminuem à medida que se avança no tempo. A dinastia tinita do Sul parecia ter uma predilecção pela deusa do Norte. O templo de Sais, mandado construir durante o reinado do Hórus Aha, é o primeiro sinal desta afinidade, patente, aliás, ao longo de todo o seu reinado, nas inscrições onde a par do *serekh* encimado por um falcão, estão as setas e o arco de Neit (fig. 5). Esta estreita ligação com a realeza continua com o rei Djer, porquanto dezasseis das suas setenta inscrições apresentam Neit na sua composição, para além da célebre paleta encontrada em Abidos, onde aparentemente visita o santuário de Neit em Sais e a cidade de Buto⁽⁵⁾. Na II dinastia, alguns dos vasos de diorite,

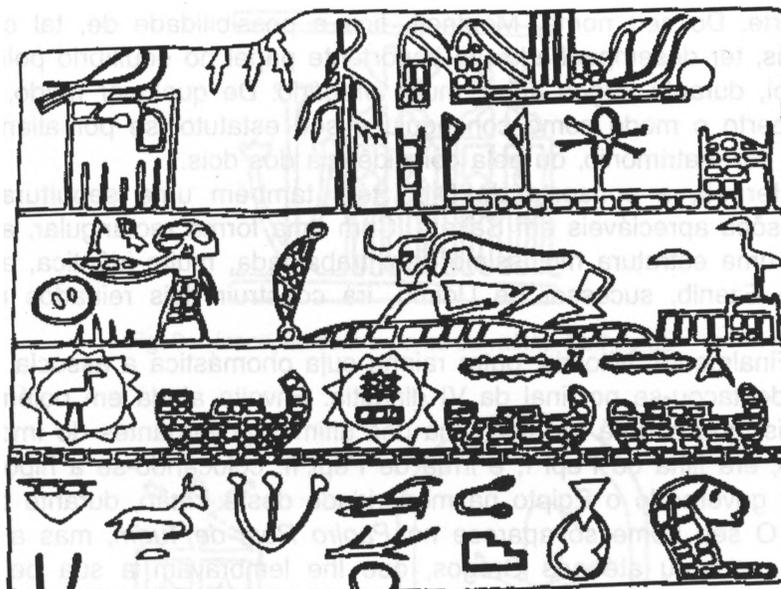


Fig. 5 - Placa pertencente ao reinado do Hórus Aha, I dinastia (Abidos)

datados do reinado de Ninetjer, ostentam a figura de Neit. Neste exemplo, encontrado na pirâmide de degraus de Djoser, a deusa segura na mão um duplo arco e traz um ceptro e um signo *ankh*. Olhando de frente o *serekh*, ela parece oferecer ao rei os dons da vida e a legitimidade para governar. Finalmente, o rei Userkaf, o primeiro rei da V dinastia, muito dedicado ao culto de Neit, terá erigido um templo em sua honra, na zona de Mênfis.

Apesar de tudo, seria de esperar encontrar o nome de Neit mencionado com alguma frequência nos «Textos das Pirâmides», o que não acontece verdadeiramente⁽⁶⁾. Ela é nomeada apenas sete vezes e sempre integrada num par divino (Pyr. 489, 510, 606, 1314, 1375, 1521, 1547). Numa das secções, está espantosamente emparelhada ao deus Set, ocupando o tradicional lugar de Néftis, num contexto de enumeração dos deuses de Heliópolis. Nas restantes menções surge, naturalmente, com Sobek, revelando um estranho papel de protectora da realeza, com um forte pendor fúnebre, guardando o corpo e as vísceras do rei, tal como foi encontrado mais tarde no túmulo de Tutankhamon. Veja-se o exemplo 606 «(...) and that I may protect you, even as Nut protected these four goddesses on the day when they protected the throne, namely Isis, Nephthys, Neith, and Selket-hetu (...)», ou ainda 1375 «(...) My mother is Isis, my nurse is Nephthys,

she who sucked me is the *Sh3t-Hr* cow, Neith is behind me, and Selket is before me», e também 1547 «(...) and its back belongs to Neith and Selket».

A discreta presença de Neit nos «Textos das Pirâmides» é um mero reflexo da sua decrescente importância durante o Império Antigo e que se prolongou até à XXVI dinastia. O contrastante papel de destaque que ocupava na época pré-dinástica indica que realmente algo aconteceu e lhe retirou o poder e prestígio que anteriormente detinha. De facto, a associação de Neit com a realeza, contabilizando as primeiras dinastias até à dinastia saíta, é escassa e reveladora de uma profunda alteração face ao papel desempenhado antes da unificação.^{<7)}

No Império Antigo, exceptuando os exemplos já analisados dos «Textos das Pirâmides», Neit aparece somente no reinado de Userkaf onde é representada usando a coroa do Baixo Egipto. Durante o Império Médio não são conhecidos quaisquer exemplos e no Império Novo contabilizam-se, para além da referência a Tutankhamon, os reinados de Amen-hotep II e III onde volta a surgir associada à realeza⁽⁸⁾. O primeiro destes faraós menciona-a numa inscrição gravada numa esteia comemorativa das muitas visitas que fazia à Esfinge de Guiza e onde se pode ler a seguinte expressão que o identificava: «Aquele que Neit elaborou». O segundo rei faz-se representar no seu templo de Lucsor, juntamente com a rainha Mutemuia, sendo suportados pela deusa Neit e também por Serket⁽⁹⁾. Pouco mais tarde, na XX dinastia, Neit surge novamente, mas com um papel de destaque no *Conto de Hórus e Set*, datado do reinado de Ramsés V. A deusa é a respeitada conselheira que indica Hórus para suceder ao seu pai Osíris, num papel que a remete indirectamente para a legitimação do poder: «And the Enead said to Thoth in the presence of the All-Lord: Write a letter to Neith the Great, the divine mother (...), (...) Then Neith, the Great, the divine mother, sent a letter to the Enead saying: “Give the office of Osiris to his son Horus (...)».

Perto do final da história é de novo chamada a intervir com autoridade para tomar uma importante decisão «(...) So he took his sailing gear, placed it in his boat, and journeyed downstream to Sais to tell Neith the Great, the divine mother: “Let me be judged with Seth!”».^{<10)}

Após a análise destes exemplos, torna-se imperioso questionar a razão do lento eclipse de Neit e o facto de coincidir com a ascensão da monarquia, que se afirma e procura pilares de legitimação e de sustentação. Será que a relação entre o rei e a deusa perde importância, ou outras divindades a suplantam, e ela acaba por ser substituída por outros, que melhor se identificam com as qualidades que o rei pretende simbolizar?

Teorias e opiniões

Proliferam as teorias que podem explicar a evolução cultural, a definição do universo mítico, a afirmação da realeza e o consequente desaparecimento de Neit. Partindo, por exemplo, da opinião de Kurt Sethe⁽¹¹⁾, que apresenta Osíris como um verdadeiro rei, pode-se fazer uma analogia com Neit. Segundo este autor, Osíris teria sido um rei, antecessor de Menés, com residência em Busiris, no Delta. Mais tarde, terá fundado a cidade de Heliópolis, capital de todo o território, onde terá sido deificado. A principal sustentação desta teoria reside no facto de Osíris nunca ter tido uma aparência composta de homem e animal, tal como o seu filho Hórus, e de ser representado com um cetro e uma coroa.

O mesmo princípio pode ser aplicado à deusa Neit. O facto de ser uma deusa guerreira pode permitir a associação com um monarca ou chefe destacado pelas suas batalhas em tempo de guerra o qual, neste caso, seria uma mulher. Corroborando esta opinião de Kurt Sethe, Walter B. Emery⁽¹²⁾, acha que na paleta onde Narmer usa a coroa vermelha do Norte⁽¹³⁾ (fig. 6), a figura que está sentada num palanquim à frente da procissão de 120.000 homens capturados, 4.000.000 cabeças de gado e 1.422.000 cabras, é uma princesa do

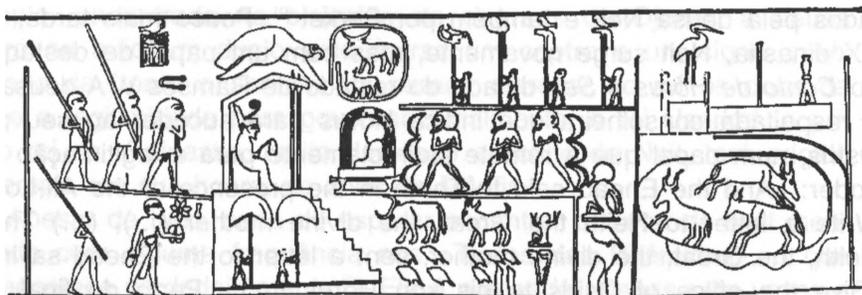


Fig. 5 - Placa pertencente ao reinado de Narmer, I dinastia

Norte rendida ao poder de Narmer. Adianta, ainda, que poderia ter havido um casamento para selar esta vitória e legitimar o poder de Narmer no Norte. Mas se for considerada também a estreita relação de Neit com algumas rainhas, como Meritneit, pode ser equacionada a possibilidade de no Norte, durante a unificação, ter havido, perto de Sais, um território chefiado por uma mulher conhecida pelo seu desempenho em guerra, a qual ficou deificada como uma deusa lutadora com atributos guerreiros. Pode ainda ser adicionada a hipótese

de Siegfried Morenz, deixando em aberto a possibilidade desta rainha ser de origem líbia. A existência de um selo cilíndrico, proveniente de Hieracômpolis, actualmente no Ashmolean Museum de Oxford, onde se vê Narmer, representado como um peixe-gato, derrotando potências líbias inimigas, parece corroborar esta hipótese.

As teorias mais comuns, limitam-se a explicar a evolução cultural, e o processo de legitimação da realeza, inserindo Neit numa evolução mais abrangente. Verificou-se pelas frequentes representações, quer em pintura, gravação, decoração de vasos ou até mesmo em escultura, que em cada aglomerado urbano haveria um deus local, que partilharia a fortuna e o destino da comunidade ao qual pertencia. O seu emblema ou estandarte seria transportado na guerra, tal como está representado no vaso da fig. 2, e estaria presente nas ocasiões oficiais relacionadas com o bem-estar da comunidade. No entanto, pensa-se que poderia haver mais que um deus em cada localidade, cada um conhecido pelos seus atributos ou qualidades especiais, que o tornavam famoso, mesmo além fronteiras.

Estes deuses são, tal como Erik Hornung <¹⁴> denominou, «potências divinas», que terão tido o primeiro registo, enquanto tal, perto do IV milénio a. C., mostrando que já haveria uma crença incipiente. O cuidado com que alguns animais foram enterrados, ou mesmo colocados em pequenas sepulturas, constitui prova evidente de um culto que alguns autores chegam a considerar zoolatria. No entanto, José Nunes Carreira⁽¹⁵⁾ esclarece dizendo que «nunca esses ou outros animais foram adorados no Egípto faraónico. (...) Adoram-se deuses, cujas epifanias se apreendiam em animais (...), (...) sobrevivência da fase mágica da religião pré-histórica, em que a potência pairava difusamente em animais, (...)». «Estes poderes divinos com aspecto de animal», tal como Werner Keiser<¹⁶> gosta de denominar, estão bem patentes em objectos como estandartes e bandeiras, aliás, tal como o hieróglifo *netjer* (*ntr*) de deus. Estes primeiros centros de culto situavam-se em Maadi e Heliópolis, no Baixo Nilo, e Badari e Nagada no Alto Nilo.

A elaboração divina continuou pelo período arcaico e primeiros tempos da unificação, e Erik Hornung⁽¹⁷⁾ é da opinião que a evolução do dinamismo para o personalismo teve lugar entre 3000 e 2800 a. C. A antropomorfização de poderes, que se dá por volta da II dinastia, produziu os primeiros deuses com aparência humana, muito embora mantivessem a cabeça de animal. Os registos em selos e cilindros do rei Peribsen documentam esta transformação, já que até aqui as representações divinas tinham apenas a forma animal. Jacques Vandier⁽¹⁸⁾ considera que o primeiro exemplo da forma composta de

Hórus, já com a cabeça de falcão e corpo de homem, surge na III dinastia, enquanto na I dinastia encontramos somente a imagem do falcão. No entanto Neit surge pela primeira vez, com a sua figura antropomórfica, já na II dinastia, tendo sido pioneira.

Várias são, no entanto, as divindades que podem ser consideradas como tendo surgido ainda nos tempos pré-dinásticos. Para além da deusa Neit em Sais, a deusa cobra Uadjit, da cidade de Buto no Delta, surge como protectora da realeza e está desde cedo presente na onomástica real. Bastet, a deusa gata, está também presente nestes primeiros tempos, sobretudo na zona de Bubastis, a leste do Delta. Sobek, com a sua forma de crocodilo, pertence à região do Faium, Nekhbet⁽¹⁹⁾ a El-Kab, perto de Hieracômpolis, e Khnum, o deus carneiro, em Elefantina. Ptah surge também referenciado em alguns dos primeiros documentos⁽²⁰⁾, e a presença de Hathor é também uma das mais antigas no Egípto⁽²¹⁾. É exactamente nas primeiras representações de batalhas que algumas destas potências divinas surgem representadas, como na Paleta Líbia (fig. 7). Mostrando diferentes regiões em guerra, os seus chefes estão simbolizados pela iconografia das respectivas divindades: touro, escorpião, falcão. Muito mais que um acontecimento passado, estas batalhas servem para legitimar o presente, na medida que representam a conceptualização do poder do rei que se quer afirmar e tornar o chefe único de um território outrora dividido. A mensagem é puramente simbólica e carregada de significado.

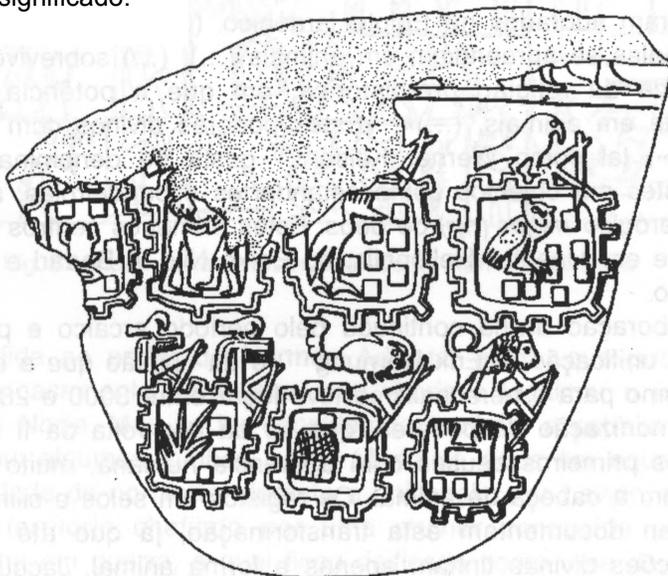


Fig. 7 - Paleta Líbia, 3100 a. C.

Segundo Günter Dreyer⁽²²⁾, estaríamos perante insígnias divinas, que sendo animais ou humanas tinham já uma relação directa com a realeza na medida em que significariam nomes de reis, ou títulos tal como Hórus-rei. John Baines⁽²³⁾ vai mais longe e considera que eles representam o próprio poder do rei. A permanência do falcão, em documentos posteriores, como na paleta de Narmer, pode representar a supremacia deste chefe em detrimento dos restantes, cujas divindades associadas parecem desvanecer-se ou diluir-se perante a asecensão de Hórus. A vitória do rei falcão sobre chefes inimigos levaria ao afastamento das potências divinas que lhe estavam associadas⁽²⁴⁾.

A estreita ligação entre o monarca e a divindade dava-lhe a força e a razão do poder para governar sobre um vasto território, marcado pelas diferenças e conflitos constantes, e cedo se esperava que esta ligação se desenvolvesse e aprofundasse ainda mais.

No Egipto, cultos e lendas dos primeiros tempos estão relacionadas com a realeza e foram criados para a desenvolver. A monarquia, como instituição, necessitava de legitimação e era na teologia que conseguia esse suporte. Esta última começa a ser elaborada após a unificação, deixando de fora as potências divinas inimigas e derrotadas, para impulsionar aquele com o qual o rei se quer identificar. Neit estaria com certeza no primeiro grupo, já que antes da unificação a sua iconografia era das mais frequentes e depois quase desaparece. O rei precisava de uma justificação para ser o chefe reconhecido, mesmo nas regiões rebeldes do Norte, onde tinha sido mais difícil contrariar a resistência. A identificação do rei com um deus cedo se tornou imperiosa para um monarca sedento de credibilidade. A escolha dos parceiros divinos adequados era essencial, porque eram os seus poderes que queria assimilar, e Neit não se ajustava às suas necessidades. O lento eclipse da deusa guerreira, durante todo o Império Antigo, não é no entanto único, porquanto outros deuses, que outrora pareciam ter papéis de destaque, como Hathor, são suplantados pelo deus falcão.

Segundo Jan Assmann⁽²⁵⁾ o primeiro protocolo real tem Hórus como figura principal, a potência divina vitoriosa e que, além do mais, tinha as qualidades que o rei pretendia incorporar. Se o deus falcão era o rei do céu, o monarca pretendia ser o senhor da terra e vários títulos parecem querer suportar esta ligação, sugerindo uma atitude deliberada e muito bem pensada. A construção de uma teoria de legitimação real afigurava-se cada vez mais essencial, e a associação com o deus falcão, cuja visão dominadora se adequava plenamente ao problema do controlo de um vasto território com focos de insegurança, era perfeita⁽²⁶⁾.

Apesar do título que associa intrinsecamente o faraó a Neit (*nsw-bit*), era de esperar uma influência mais forte da deusa junto da realeza. Mas pelo contrário, à medida que a centralização do poder real aumenta, a sua presença vai-se desvanecendo, com os contornos de uma teologia que torna o rei filho de deus. O seu papel vai limitar-se progressivamente à protecção de crianças e bebés recém-nascidos de mães devotas desta deusa de Sais. O direito de governar sobre todo o Egipto, não se conseguia a troco com a associação com uma deusa, por muito forte e corajosa que pudesse ser. A necessidade de um deus, com as qualidades que o monarca pretendia ter, afastava *a priori* qualquer divindade feminina, por mais vitoriosa que fosse. Um Hórus-rei justifica-se plenamente neste contexto, bem patente, aliás, na famosa estátua de Khafré, onde um falcão surge incorporado na cabeça da estátua (fig. 8).

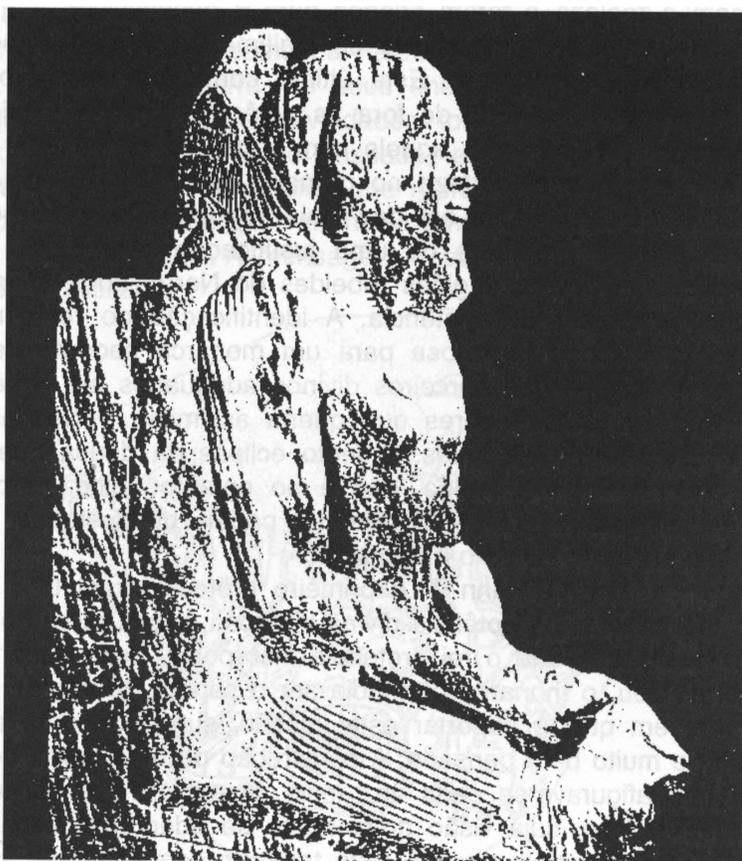


Fig. 8 - Estátua de Khafré - Museu do Cairo

Paralelamente, o culto que se desenvolve em Heliópolis ao deus sol Ré, vai em breve revolucionar a ideologia real, tornando o rei filho de deus, postura adoptada a partir da IV dinastia e oficializada na V dinastia, com o *Conto do Nascimento dos Infantes Reais*. Na onomástica real passa a figurar o título de «Filho de Ré» e são erigidos templos em honra do deus sol, como em Abu Gurab, ao mesmo tempo que as pirâmides, cada vez de menores dimensões, apresentam inscrições que ajudam o rei a acompanhar a viagem diária do sol.

Todas estas alterações cultuais que se verificam entre o III e o II milénio no antigo Egipto estão articuladas com a emergência de um Estado unificado e a legitimação e centralização da estrutura real. A estabilidade da monarquia, bem como a existência do próprio Egipto, dependiam de um protocolo que legitimasse o rei para poder governar sobre as Duas Terras. A teologia de Estado que se vai elaborando exclui todas as divindades que não lhe são favoráveis, e o eclipse de Neit é disso apenas um bom exemplo, sobretudo se for considerada a hipótese de ter sido uma rainha deificada e derrotada com a unificação.

Bibliografia

ADAMS, B., *Predynastic Egypt*, Aylesbury, 1988.

ARKELL, A. J., "Was king Scorpion Menes?", *Antiquity*, 37, 1963, pp. 31-35.

ASSMANN, J. *Ägypten, Eine Sinngeschichte*, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, München, 1996

BAINES, J., *Ancient Egyptian Kingship*, E. J. Brill, New York, 1995.

BLEEKER, C. J., *The Rainbow. A collection of studies in the science of religion*, Brill Publications, Leiden, 1975.

CARREIRA, J., NUNES, *Mito, mundo e monoteísmo*, Publicações Europa-América, Mem Martins, Lisboa, 1994.

DREYER, G., "Horus Krokodil, ein Gegenkönig der Dynastie 0", *The Followers of Hórus: Studies dedicated to Michael Allen Hoffman*, Egyptian Studies Association Publication n.º 2, Oxford, 1992, pp. 259-262.

EDWARDS, I. E. S., "The Early Dynastic Period in Egypt", *Cambridge Ancient History*, vol. I, Cambridge 1971, pp. 1-70.

EI-SAYED, R., *La Déesse Neith de Sais*, I. F. A. O., Cairo, 1982.

- EMERY, W. B., *Archaic Egypt*, Penguin Books, London, 1991 (re)
- FRANKFORT, H., *Kingship and the gods*, Chicago, 1948.
- GRIFFITHS, J., *The conflict of Horus and Seth*, Liverpool, 1960.
- HOLLIS, S., "Five goddess in the third millennium", *K.M.T.*, vl.5, n.º 4, 1995
- HORNUNG, E., *Conceptions of God in Ancient Egypt: the One and the Many*, (trad.) London, 1983.
- KAISER, W., "Einige Bemerkungen zur ägyptischen Frühzeit", *ZÄS*, 91, 1964, pp. 86-125.
- KEMP, B. Ü., *Ancient Egypt, Anatomy of a civilization*, New York, 1989.
- KEMP, B. J., TRIGGER, B. G., O'CONNOR, D., LLOYD, A. B., *Ancient Egypt, A Social*, Cambridge, 1983.
- MORENZ, S., *Egyptian Religion* (trad.), New York, 1992.
- RICE, M. *Egypt's Making*, London, 1990.
- SPENCER, A. J., *Early Egypt*, London, 1993.
- WILLIAMS, B., LOGAN, T., "The Metropolitan Museum Knife Handle and Aspects of Pharaonic Imagery before Narmer", *J.N.E.S.* 46, 1987, 4, pp. 245-285.
- VANDIER, J., "Une stèle égyptienne portant un nouveau nom royal de la troisième dynastie", *CRAIBL*, 1968, pp. 16-22.

Notas

- (1) Contrastando com o de Ptah, com o epíteto «O muro do Sul».
- (2) S. MORENZ, *Egyptian Religion*, New York, 1992.
- (3) A maioria dos vasos foi encontrada por Flinders Petrie.
- (4) Rainhas Meritneit e Neit-hotep da I^a dinastia
- (5) W. B. Emery, *Archaic Egypt*, p. 59.
- (6) S. HOLLIS, "Five goddess in the third millennium", *K.M.T.*, pp. 46-51, 82-85, chama a atenção para este pormenor, que se verifica não só com Neith, mas Hathor, Isis, Nephtys cujos papéis se secundariam à medida que a época histórica vai progredindo e o rei se vai associando a deuses que lhe dão legitimidade para governar.
- (7) Se o culto de Neit vai decrescendo ao longo de todo o Império Antigo, quase desaparecendo no Império Novo, a sua presença nos nomes teofóricos parece, no entanto, imutável mantendo-se a mesma tendência ao longo de séculos. Quase sempre identificados pela mesma simbologia característica, setas cruzadas, o escudo e o duplo arco, estes nomes sugeriam uma proximidade da deusa com o nomeado e evidenciavam uma

atitude benéfica, ou de protecção: “Aquele a quem Neit protege”, “Neit é a minha senhora” ou evocando os seus poderes e qualidades de guerreira e lutadora, Neit é vitoriosa , Neit luta”.

<⁸> EL-SAYED, *La Déesse Neith de Sais*, p. 96.

<⁹> EI-SAYED, *La Déesse Neith de Sais*, p. 100.

<¹⁰> Miriam LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature II*.

<¹¹> *Urgeschichte und älteste Religion der Ägypter*, p. 79.

<¹²> *Archaic Egypt*, p. 44.

<¹³> O primeiro vestígio de uma coroa com a forma da coroa vermelha aparece num fragmento de um relevo datada de cerca de 4000 a. C., muito antes da unificação política e cultural do Egípto. Esta coincidência, longe de ser casual, mostra, no mínimo, que podemos estar presente na origem directa da coroa do Norte demonstrando que a realeza tem realmente raízes pré-históricas.

<¹⁴> Opinião de E. HORNUNG em *Conceptions of God in Ancient Egypt*, p. 101.

<¹⁵> *Mito, mundo e monoteísmo*, p. 153.

<¹⁶> *ZÄS 84*, 1959, p. 119-32.

<¹⁷> *StG 20*, 1967, η. 43, p p. 5 0 7 0 - .

<¹⁸> *CRAIBL*, 12, 1968, p. 16-22.

<¹⁹> De acordo com Kemp em *Anatomy of a civilisation*, p. 43, a inclusão da iconografia de Nekhbet associada à realeza reflecte algum interesse por parte das dinastias de Hieracômpolis e a necessidade de conseguir uma contraparte para Uadjit.

<²⁰> O protagonismo, cada vez mais evidente, do conjunto de deuses de Heliópolis levou a que se criasse um grupo de divindades que ajudasse na elevação da região menfita e do seus deus principal. O boi Ápis e Sokar surgem assinalados em festivais feitos em sua honra em inscrições da IV dinastia.

(²¹) A sua tradição remonta a Nagada ou a Badari. Se for considerada como assumida a iconografia bovina de Hathor, em todas as suas manifestações, tal como afirma C. BLEEKER, *Hathor and Thoth*, p. 40, esta deusa está presente no universo mental egípcio desde sempre. Segundo Elise BAUMGARTEL, *The Cultures of Prehistoric Egypt*, p. 144, existem diversos testemunhos de uma divindade feminina com fortes conotações férteis, à qual o rei desejava estar associado, porque deste modo poderia assegurar aquela que era uma das suas incumbências: a continuidade fértil do Nilo. Constituem também bons exemplos as representações provenientes de Guerza ou Heracliópolis apresentadas por Shafik ALLAM, *Beiträge zum Hathorkult [bis zum Ende des Mittleren Reiches]*, p. 1-2, onde diversas estelas reais expõem igualmente cabeças de vaca com cornadura adequada. O rei seria o filho desta deusa-vaca da fertilidade, o *k3 mwt.f*, relação bem patenteada na onomástica real onde a alusão bovina era frequente.

<²²> “Horus Krokodil, ein Gegenkönig der Dynastie 0” pp. 259-262.

<²³> *Ancient Egyptian Kingship*, p. 113.

(²⁴) B. Kemp na sua obra, *Ancient Egypt, Anatomy of a civilization*, p. 44, acha que a Norte haveria um importante centro de culto a Hórus, enquanto que a Sul Set seria a figura dominante. Estes dois pólos, cujos deuses se tornaram símbolos do Egípto unificado, podem ter desempenhado um importante papel na definição do universo mítico e cultural

do Egípto, visto que as suas lutas personificam a própria história do Egípto. Hórus e Set, e o mito de Heliópolis são, por isso, vistos como um reflexo do modo como o Egípto emergiu politicamente, uma espécie de projecção da própria realeza, um apanágio do seu poder sobre os demais. A.B. LLOYD, in *Ancient Egypt, A Social History*, p. 53, acha que estamos perante uma adaptação credível de um antigo relato contando a origem de um reino situado no Alto Egípto e que se terá expandido ao restante território.

⁽²⁵⁾ *Ägypten*, p. 47.

⁽²⁶⁾ É também por volta deste período que alguns deuses, confinados ao culto local, ganham reconhecimento e notoriedade e passam a ser adorados fora do seu território de origem. Paralelamente, algumas divindades vão perdendo a importância inicial, situação que se prolonga e a remete para um papel secundário. Estas alterações tem como pano de fundo movimentações de interesses, usando apenas os deuses cujas qualidades mais se identificavam com os seus propósitos. Por outro lado, à medida que cada divindade foi angariando prestígio, aumenta o número de crentes, contribuindo para o engrandecimento de um deus que doutro modo não teria tanta projecção. Em contrapartida, outros cultos são desvalorizados e alguns chegam quase a desaparecer com o passar do tempo, pelo menos no imaginário devoto da população.